

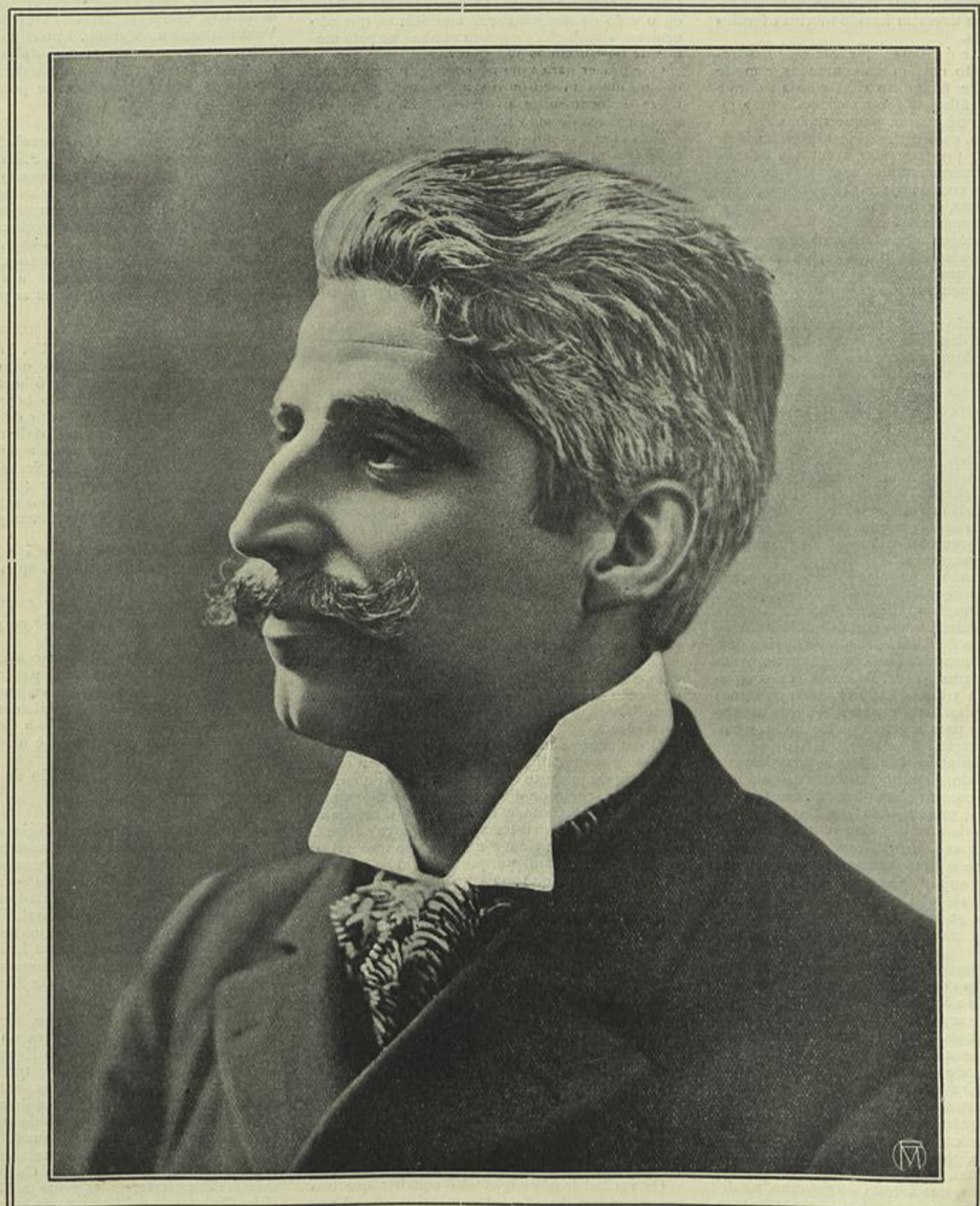


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1209	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 de Julho de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



DR. DUARTE LEITE PEREIRA DA SILVA, PRESIDENTE DO GOVERNO E MINISTRO DO INTERIOR — (Veja Cronica Occidental)

CRONICA OCCIDENTAL

Uma frase de que se tem feito muito uso e abuso, nestes ultimos tempos, até em documentos officiaes, é a de: *tudo em socêgo*, chave de ouro de telegramas particulares e participações de autoridades, relatando as desordens, prisões, buscas ou intencionas numa ou outra terra do país.

Assim, tem-se lido noticias de violações á casa do cidadão, atentados contra a liberdade individual, movimento de tropas em vilas e aldeias, enfim, factos anormaes, rematarem sempre com a tal frase, *tudo em socêgo*.

Não se sabe se a moda foi inventada cá ou importada de fóra, pois até da Turquia, onde a guerra Italo-Turca tem morto centenas de homens, os telegramas depois de noticiarem essas carnificinas entre italianos e arabes, rematam com o, *tudo em socêgo*.

Chega-se a pensar que este *socêgo* é o que naturalmente se segue á morte, depois de não haver mais que matar por terem morrido todos!

Daqui se originou, e com razão, uma certa desconfiança do publico pela tal frase *tudo em socêgo*, ainda que tivessem havido mortos e feridos ou ardidado Troia.

Dirão agora, e é de crêr, que este *socêgo* se refere aos que não entram em contendas, e muito pacificamente se ficam em casa com a sua mulher e os seus filhos, a fazer paciencias ou a jogar o burro em pé com os pequerruchos.

Deve ser isto, com certeza, e isto deviam fazer todos que não prestam para aventuras bélicas, que não são precisamente o mesmo do que aventuras amorosas com as meninas das praias, a jogar o *lawn-tennis*, sendo mais arriscado manejar uma espada do que uma *raquette*.

Tudo em *socêgo* é que efétivamente se quer e é preciso. Muito *socêgo*, muita ordem, e que todos trabalhem, que, *Ordem e Trabalho* é o que a Republica proclamou ao povo, no 5 de Outubro.

Se ha quem não se resigne com o trabalho porque faz cálos e demanda de faculdades de que alguns não dispõem, tanto peor para elles que se encontram neste mundo, simplesmente á mercê da Divina Providencia, talvez um tanto cançada de os aturar, porque lá ensina Deus: *Faz tu que eu te ajudarei*.

Nestes casos é procurar fazerem aquilo para que tiverem mais geito e se nada sabem fazer, deixem os mais trabalhar em boa ordem, que sempre lá lhes chegará alguma coisa.

Ordem e trabalho é o que a Republica proclamou e o que os seus governos devem fazer cumprir. Se o conseguirem está salva a patria que é de todos os portuguezes.

E assim dizendo, a cronica interpreta o sentir de todos os portuguezes, livres de preconceitos e animados de firme vontade de trabalhar.

Este sentir anima tanto o país que a Associação dos Lojistas de Lisboa, não teve duvida de o afirmar, na mensagem que apresentou ao presidente de ministros, sr. dr. Duarte Leite, congratulando-se pelo triunfo das tropas republicanas sobre os conspiradores, e pelas medidas acertadas do governo para a defeza da Republica e manutenção da ordem.

De facto não pôde deixar-se de reconhecer a acção ordeira do governo no momento em que uma horda de conspiradores invadiam as fronteiras de Portugal pretendendo levantar as povoações aos gritos de *viva a monarchia*.

Todo o país se alarmou num impeto formidando, como se o houvera tocado uma corrente magnética; os animos excitaram-se, as paixões desencadearam se, e a que desordem não seria tudo arrastado, se não houvesse uma firme mão de governo que atalhasse quanto possivel a exaltação publica.

Houve efétivamente um homem de governo para o momento critico; já se sabia do valor desse homem, quando a Republica portugueza era ainda uma aspiração e se aquilatava dos que iam engrossar as suas fileiras. Vinham de toda a parte; das catédras da sciencia, das artes, da officina como da agricultura, do commercio, de todas as forças vivas, enfim. Era um desses o dr. Duarte Leite, professor de matematica, de profundo saber, conhecedor das questões economicas, espirito altamente culto, um caracter integro e energico. Era um homem de governo com que a Republica desde logo contou.

E' este homem, que á testa do governo, na difficil situação em que outros hesitaram, não teve duvida de arcar com as difficuldades, e a sua immediata acção, na solução da *gréve* dos eléctricos,

mostrou logo a medida do homem de estado, garantindo a liberdade dos que queriam trabalhar. Mas as difficuldades sobreveem.

Uma onda de desordem ameaça invadir o país com a nova incursão. Era preciso decisão pronta para a conter, e essa decisão não faltou. Exercito, marinha e povo não hesitaram um momento em cumprir as ordens do governo, como o governo não hesitou em cohibir os abusos de autoridades e os excessos do povo na defeza da Republica. O governo sob a presidencia do sr. dr. Duarte Leite, lá estava para a defender, e restabelecer a ordem, e restabeleceu-a.

Tudo acalmou em poucos dias. A confiança renasce. O *tudo em socêgo* é uma realidade.

Agora é fazer o que o poeta Castilho mandava ás creanças:

«Trabalhai meus irmãos...»

E que o commercio se anime como a estas horas se animam os licitantes no leilão das joias de uma rainha infeliz.

Vieram joalheiros do *esquare* Thiers, da rua Lafayette e da avenida de Villiers de Paris, como vieram de Madrid disputar a aquisição dessas joias, algumas das quaes irão adornar a cabeça ou o colo de *democraticas* americanas, que não occultam a ambição de serem rainhas, ou pelo menos de possuirem as suas joias.

Que prazer para uma nervosa *lady* americana, que no meio do seu ouro sente a nostalgia da nobreza, colocar sobre a fronte o diadema que ornou a cabeça de uma rainha.

Pois lá esteve em leilão, no Banco de Portugal, cuja sala regorgitava de curiosos e de licitantes, um diadema real, uma tentação sedutora... de todas as *lady's*... de todas as mulheres. Os brilhantes e os rosas scintilam cravejados sobre as flôres e folhagens de ouro como aljófradas, reluzindo aos primeiros raios do sol. Entontece a vista fixar aquela joia. Como não hade entontecer as mulheres...

O diadema corre de mão em mão; o pregoeiro grita:

— Seis contos de réis, seis contos e quinhentos, sete contos, sete contos e quinhentos; repete este lance por algum tempo e sóbe até doze contos. O pregoeiro cança-se, insiste e ninguem dá mais. Retira-se da praça a linda joia, que resplandecede sobre a cabeça de duas rainhas. Foi mandada fazer por D. Pedro V para oferecer á sua noiva D. Estefania. Depois passou á posse da rainha D. Maria Pia, por oferta de noivado, do rei D. Luis.

Vale quinze contos.

Não estava lá nenhuma *lady* para arrematar ou algum argentario galante para a oferecer á sua dama.

O leilão continua; ha muitas joias para leiloar; tresentas e sessenta acusa o catalogo, e valem uns quinhentos contos.

O amor do fausto, o requintado gosto, o desapeço do dinheiro de uma rainha acumularam toda aquela riqueza.

D. Maria Pia que soube ser rainha e fazer-se amar do povo, tão liberal por condição como por educação, muita vez desceu até aos humildes para lhe enxugar as lagrimas e lhe minorar as privações.

O seu obulo nunca a negava aos pobres, e dessas joias acumuladas, tanto ouro e brilhantes em obras de tanto gosto e arte, recordações queridas de familia, como de dias felizes da sua mocidade, em que se recebem e dão prendas, a rainha se apartou um dia para irem caucionar outro ouro que os seus gastos exigiam e de que, por ventura, os pobres quinhoavam, porque dar era seu prazer.

Por fim para quê mais brilhantes, mais perolas, quando lagrimas, como brilhantes e como perolas, derivadas do coração oprimido de desgostos, se desprendiam de seus olhos meio apagados pelo sofrimento.

Mas o leilão continua. O pregoeiro clama — Não dão mais, sessenta e um contos, não ha quem lance mais, vai-se arrematar, uma, duas, tres, parabens sr. Martin Weinstein.

Era o precioso collar de perolas e brilhantes.

Perolas são lagrimas.

Que importa.

Quanta vez o dinheiro as compra.

CAETANO ALBERTO.



Os verdadeiros amigos são aquelles que nos aparecem em dias de infortunio: os que só nos procuram nos momentos de alegria, não merecem o titulo de amigos.

O maior «raid» de aviação na America do Sul

O aviador brasileiro Eduardo Chaves, em fins de abril, fez o maior *raid* que se tem realizado na America do Sul, da distancia de 490 kilometros, entre a cidade de S. Paulo e a do Rio de Janeiro.

E' este um acontecimento do desporto do ar, que merece especial menção.

Do nosso colega *Tiro e Sport* extratamos alguns dados sobre o arrojado aviador e sua extraordinaria viagem.

Eduardo Chaves tem 24 anos. E' alto, musculoso e reúne á beleza viril o ser simpatico; na roda desportiva de S. Paulo é denominado *Edu*, um verdadeiro *gentleman*, como todos da sua familia Prado-Chaves, da Paulicéa.

Foi estudante de engenharia, mas abandonou os estudos. Tem passado parte da sua vida na Europa.

Conta a um jornalista como se fez aviador:

«— Fiz-me aviador em França. Estudei na Escola Blériot, de E'tampes e fui discipulo do grande mestre. Consegui fazer-me aviador em 30 dias. Voei bastante na Europa. Entrei no concurso de Orleans terminado em 31 de outubro ultimo. Ganchei ali uma das quatro taças do concurso do *Prix des scales*. Ultimamente pensei em fazer aviação no meu país. E vim.»

Concebeu então um plano arrojado, qual o de «partir do prado da Moóca, em S. Paulo, vencer a Serra do Mar, e aterrar no prado do Jockey-Club, no Rio; o maior *raid* de aviação da America do Sul, 490 kilometros em monoplane!...»

Eduardo Chaves se bem concebeu o seu plano, melhor o pôs em pratica, e sem outro estimulo mais que o de honrar o seu país, para que o Brasil concorresse audazmente á «posse do espaço pelo homem» êle preparou se para a grande empreza:

«— Voarei de S. Paulo ao Rio. Pretendo sahir do Jockey-Club, em S. Paulo, num dos dias da proxima semana, e fazer, em 6 horas, pelo ar, o percurso que vim examinando hoje, no trem da Central. Para fazer o, devo sahir de S. Paulo em réta para Mogy das Cruzes e dali, margeando o rio Parahyba, mais ou menos acompanhando a Central, seguirei para o Rio. Serão 500 kilometros a percorrer ou, se quizer 496. Se o tempo estiver mau, se encontrar muito vento, aterrarei duas vezes no caminho para tomar gasolina.»

«— Onde?»

«— Talvez em Guaratinguetá e em Queluz. Com o tempo melhor, descerei apenas uma vez.»

Na manhã de domingo, 28 de abril, reúne se grande quantidade de curiosos no prado do Jockey-Club, na Moóca.

E' Eduardo Chaves que vae alar se aos ares no seu monoplane. Antes de partir, coloca nas azas do aparelho os mapas da viagem de S. Paulo ao Rio de Janeiro. — São 490 kilometros, em duas *étapes*, a primeira de S. Paulo a Guaratinguetá, de cerca de 200 kilometros, e a segunda deste porto até ao Rio de Janeiro.

Eduardo Chaves vae munido de um atestado que lhe é entregue:

«Nós abaixo assinados, declaramos que o sr. Edú Chaves partiu de S. Paulo para o Rio de Janeiro, de aeroplano, ás 10 horas e 10 minutos da manhã do dia 28 de abril de 1912. — Antonio Prado Junior, Bueno Neto, Luis Fonseca, Eugenio Artigas, Erasmo do Amaral, Cassio Prado, Rev. Nogueira, Adalberto Fagundes, Silvio Penteado, Elias P. Chaves, Pedro Luis Pereira de Sousa, Camilo Levi, Carlos Augusto do Amaral, Jorge P. Chaves e Francisco de Sá.»

Eduardo Chaves despediu-se, alegre, abraçou seus irmãos, e alou-se aos ares no seu Blériot, tomando o rumo da linha da Estrada de Ferro Central e, com a velocidade de 100 kilometros á hora, em breve desaparecia das vistas elevado no seu aeroplano a uns 500 metros de altura.

A esse tempo era transmitido um telegrama para o Rio de Janeiro annunciando a partida de S. Paulo do arrojado aviador, telegrama que despertou o maior entusiasmo na Capital Federal e que fez concorrer muita gente ao Prado do Jockey-Club, onde o Blériot devia aterrar.

Subsequentes telegramas são expedidos dos pontos por onde Chaves vae passando.



EDUARDO CHAVES E O SEU AEROPLANO

S. Paulo, 28 — *Americana* — O sr. Prado Junior recebeu os seguintes telegramas:

Mogy das Cruzes, 28 — Chaves passou ás 10,55. » *Jacarahy*, 28 — O arrojado aviador Edu Chaves acaba de passar aqui ás 11,25, causando enorme entusiasmo na população, — (a) Euclydes de Araujo. » *Taubaté*, 28 — Aeroplano passou ás 12,10 (a) Pereira. »

Estava vencida a primeira *etape* do extraordinario vôo!
Um cabograma do aviador, transmite:

Guaratinguetá, 28 — Cheguei bem ás 2,20, viagem, muita neblina até S. José dos Campos. Abraços, Eduardo. »

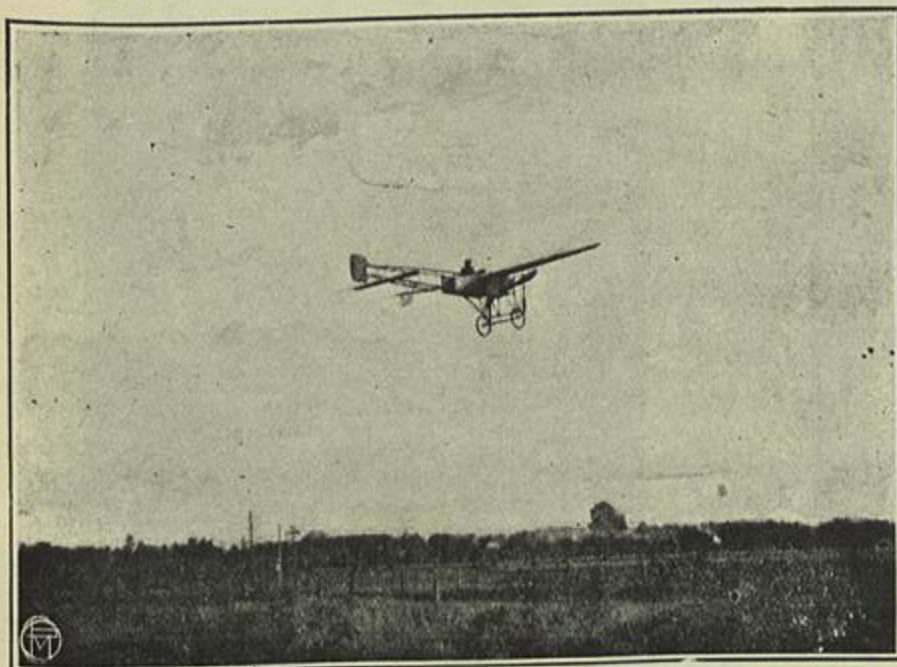
Outros telegramas:

Queluz, 28 — Aviador Chaves passou sem novidade ás 3,35, altura 500 metros mais ou menos, tempo bom. Agente estação. » *Barra Mansa*, 28 — Acaba de passar aviador Chaves direção Rio, altura mais de dois mil metros. Otimo, magnifico. (a) Braga. »

Os passageiros do rápido de S. Paulo, viram o monoplane de Chaves, entre as estações de Rademaker e Volta Redonda, ás 4,15 correndo com grande velocidade. Um passageiro conta que o aeroplano pairava á altura de mais de mil metros. A locomotiva avançava devagar e os passageiros acenavam com os chapéus e com os lenços ovacionando Eduardo Chaves, o qual desceu um tanto o seu aeroplano evolucionando em espiral adiante do comboio e depois voou velozmente.



A PARTIDA DE EDUARDO CHAVES DA MOÓCA



EDUARDO CHAVES NOS ARES FAZENDO O PERCURSO DE S. PAULO AO RIO DE JANEIRO

Telegramas posteriores comunicavam a passagem do monoplane na barra do Pirahy ás 3,40; em Vargem Grande, ás 4,39 e em Belem, ás 5. Depois mais noticias não houve, e a anciedade cresceu. Todos se interrogavam e nada se sabia ao certo. Algumas noticias que se cruzavam, contradiziam-se, e assim se passou a noite, até que no dia seguinte foi recebido no Rio o seguinte telegrama:

«*Mangaratiba*, 29 — O aviador Chaves passou por aqui hontem, em direção sul, ás 5,40 da tarde. O aparelho cahiu ao mar, defronte da Ilha Grande, por falta de gasolina. Chaves nadou até á praia de Jacaréhy em Itacurussá. Está salvo. O aparelho Blériot está avariado. Chegará ahí Chaves amanhã, por terra ou em lancha. »

Esta noticia tranquilizou quanto possivel os animos. O sr. dr. Paulo de Frontin, diretor da Estrada de Ferro Central e grande *sportman*, que maior interesse tomou pela travessia aerea de Eduardo Chaves, mandou logo aprontar um comboio expresso para Mangaratiba, em que tomaram logar redatores e reporters de jornaes e outras pessoas, para ir buscar e acompanhar ao Rio o intemerato aviador. Nalgumas estações por onde passa o expresso ha povo e musicas que esperam o aeronauta.

O comboio chega de volta á estação da Central do Rio, ás 11,30, conduzindo Eduardo Chaves, que é recebido em triunfo pela multidão que o aclama no auge de maior entusiasmo, e assim é conduzido em automovel, para a Avenida Rio Branco, seguido de uma fileira de outros automoveis no meio do povo que o aclama com delirio.

Realisara-se a maior travessia aerea da America do Sul. O Brasil alcançava um grande triunfo que lhe dera um de seus filhos.

A travessia não se realisara tão completamente como o aviador a tinha planeado, mas percorrera-se até mais do que a distancia calculada, em consequencia dos desvios da sua rota, por ter perdido o rumo, só deixando de voar quando se acabou a gasolina no seu aparelho.

O que Eduardo Chaves conta da sua travessia é muito interessante.

A sua viagem foi excelente até Guaratinguetá, onde aterrou para se prover de gasolina e tomar ligeira refeição. Ascendendo de novo, seguiu para Barra Mansa, guiando-se pela linha da Estrada, mas depois perdeu-a de vista. Divisando mais além o rio Sepetiba, foi-lhe seguindo o curso, ao chegar, porém, a Santa Cruz, Vila Militar, perdeu completamente o rumo.

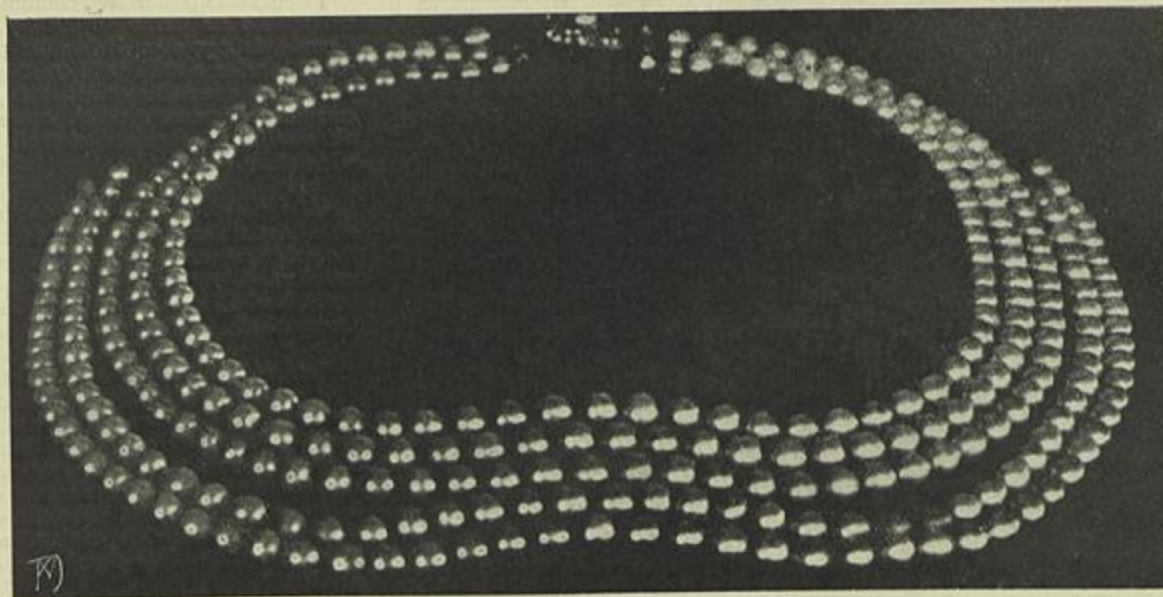
Vento forte de sudoeste impeliu o Blériot para o sul, mas vendo o mar, procurou tomar aquele rumo, supondo que navegava para o sul da bahia.

Nestas alturas viu que lhe ia faltando gasolina e tratou de procurar logar conveniente para aterrar, o que não encontrou.

Havia mais de uma hora que tinha deixado Santa Cruz e percorrido cento e tantos kilometros. Contava já um percurso de 300 kilometros realisado em duas horas e 40 minutos, quando se encontrou entre a Ilha Grande e Jacaréhy.

Então, aproveitando o resto da gasolina, fez manobrar, mais alguns minutos o aparelho, procurando dirigir-se para Jacaréhy, de cuja costa estava mais proximo.

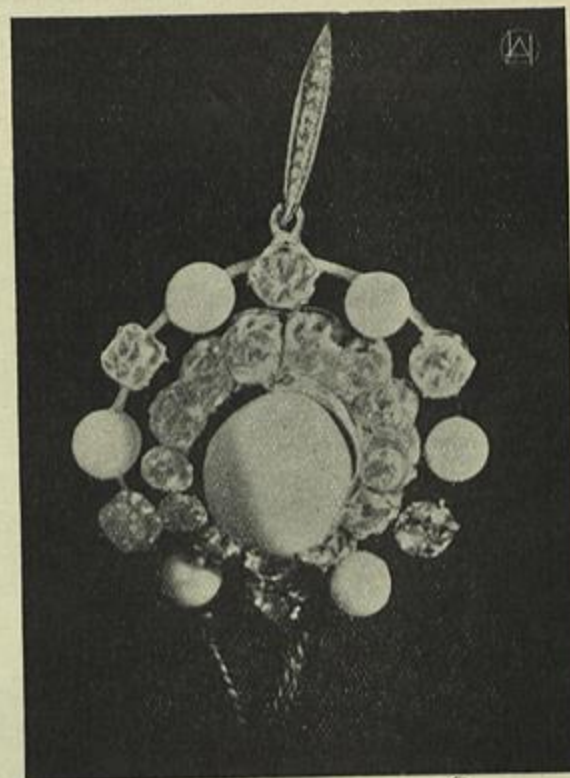
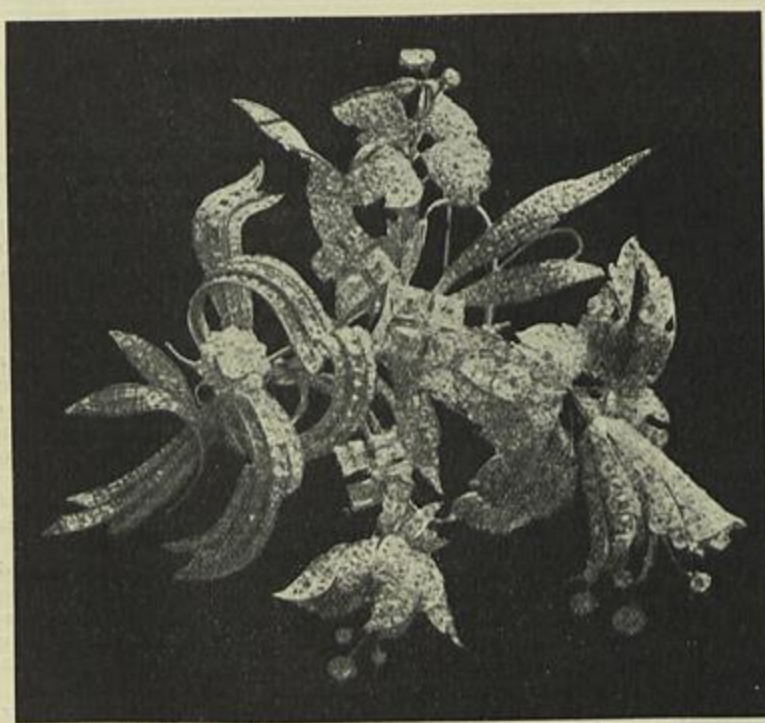
Assim voando algum tempo, sem poder chegar onde desejava, impacientou-se e abandonou o aparelho. Atrou-se ao mar, e nadou cerca de cem metros.



COLAR DE CINCO FIOS DE PEROLAS (324) COM FECHO DE OITO BRILHANTES E UMA PEROLA, COMPRADO POR 51:000\$000 PELO SR. MARTIN WEINSTEIN



MEDALHA EM FORMA DE CORAÇÃO GUARNECIDO DE BRILHANTES, GRANDE SAFIRA AO CENTRO E ARGOLAS DE BRILHANTES
GRANDE DIADEMA DE BRILHANTES E ROSAS EM FLORES E FOLHAGEM — BROCHE EM SAFIRAS RODEADO DE BRILHANTES E UM FIGENTE DE PEROLA ESCURA



GRANDE BROCHE EM FORMA DE RAMO DE FLORES E FOLHAGEM LIGADAS POR FITA DE SAFIRAS E BRILHANTES
BROCHE COM GRANDE PEROLA ROSA RODEADO COM DUPLA GUARNIÇÃO DE BRILHANTES E PEROLAS

A Parada Agrícola em Vila Nova de Famalicão

O mar estava grosso e no ponto onde tentava saltar a terra, não havia praia. Eram rochedos contra os quaes as ondas batiam com violência.

Conforme pdeu trepou para uma pedra, quando lhe apareceu um rapaz, e ficou satisfeito, pois não esperava encontrar ninguem por ali, dispondo-se a passar muitos dias como Robinson Crusóe.

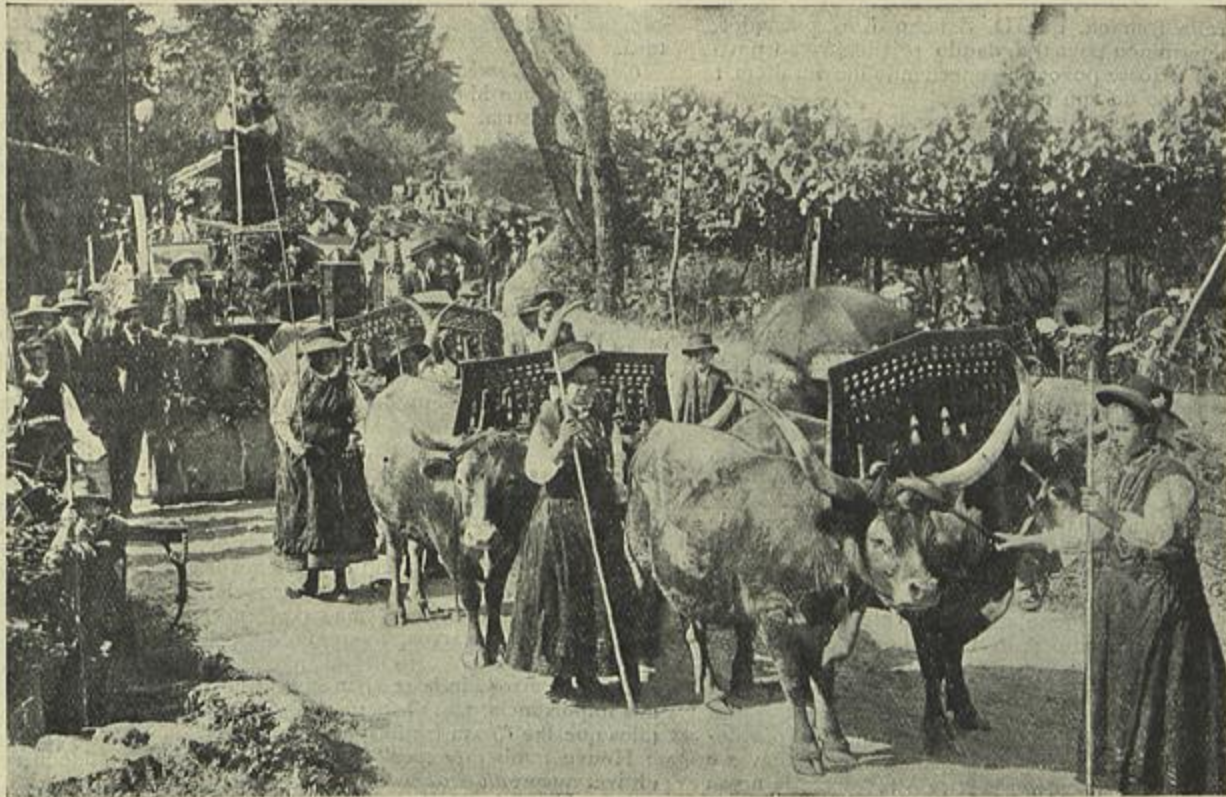
Este rapaz começou por lhe gritar que fugisse dali.

«— Nhó moço, fuja dahí já; oie o peixe bravo!»

O aviso era extravagante e ao mesmo tempo engraçado. Notou ainda que o rapaz se aproximava com certo temor; parecia-lhe, talvez, muito alto, e o Blériot, intrigava-o.

Entretanto appareceu um canoeiro, João Fontela, a quem pediu para salvar o aparelho, que então estava perfeito. Houve, porém, dificuldade para o retirar da agua, e quando estavam os dois empenhados neste trabalho, um vagalhão impeliu-o contra os rochedos e espedaçou o Blériot de encontro ás pedras.

Eduardo Chaves foi recebido em casa de um pescador, Tomé, que o tratou muito bem e lhe matou a fome.



CARRO DA ASSOCIAÇÃO
DE AGRICULTURA FAMILICENSE

diferenças de peso dos aparelhos e de Garros ter sahido antes de Chaves.

Eduardo Chaves está inscrito para o grande concurso da travessia de Paris a Pertersburgo, da distancia de 1:800 kilometros, que deverão vencer-se em dois dias seguidos.

R.



A parada agrícola em Vila Nova de Famalicão

Uma festa de trabalho na laboriosa vila do Minho, das mais lindas e mimosas daquela região a que bem se chama Jardim de Portugal.

Era apenas uma vasta planicie, no centro da provincia do Minho, entre as cidades do Porto e de Braga, mas tão bem disposta para a agricultura e cortada por uma es-



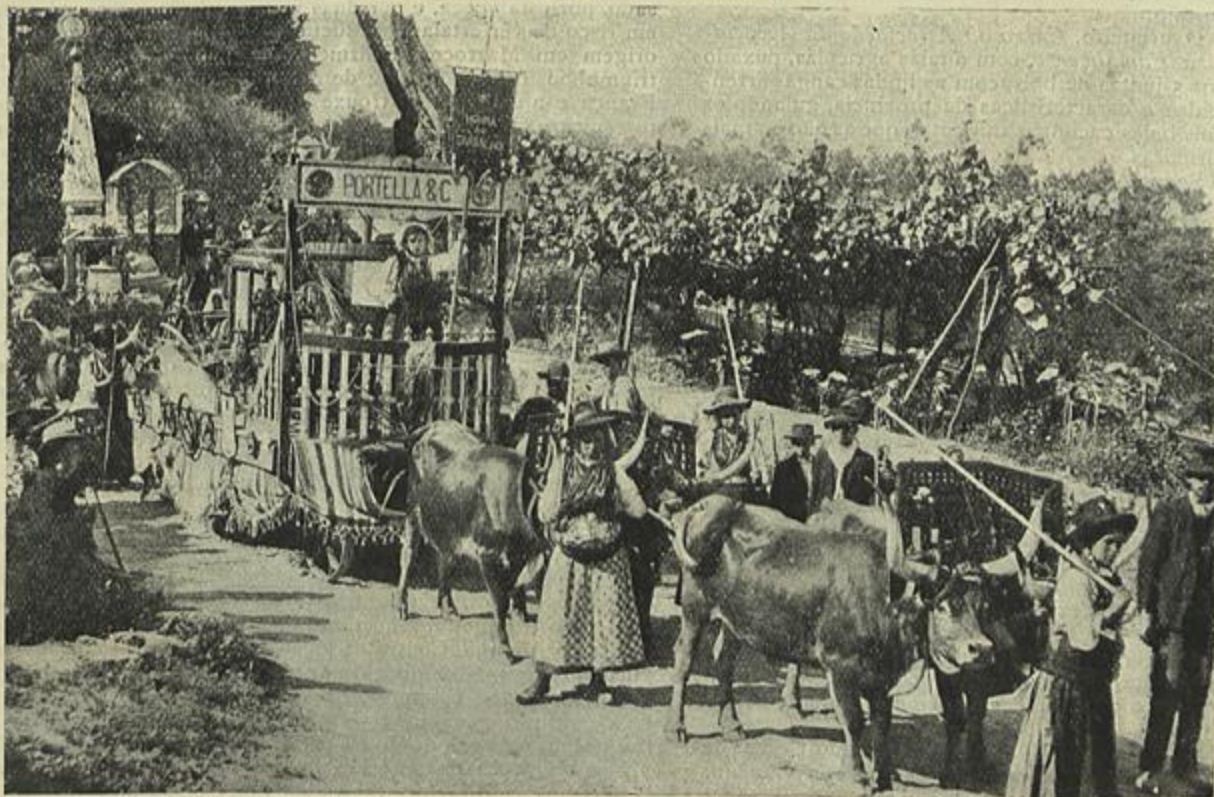
CARRO DAS AZENHAS
CARRO DA CASA PORTELLA & C.*

(Fotografias do sr. Joaquim Portella, clichés da «Mala da Europa».)

Depois de contar estes episodios da sua curta viagem, Eduardo Chaves não teve uma palavra de queixa, pelo abandono em que o governo o deixou na sua arrojada tentativa, não mandando sequer alguns barcos para o seguirem no trajeto e socorrel-o no caso de necessidade, nem por terra quaesquer vigias para o mesmo fim.

Chaves não se queixou, apesar de se vêr perdido, e quando lhe perguntaram a que attribuia o seu desastre, elle respondeu simplesmente: — Bruto azar!

E' um audaz aviador, com a paixão de denominar os ares, que não hesitou em concorrer com Garros, o grande profissional da aviação, no percurso de Santos a S. Paulo, em monoplane Blériot, em que materialmente foi vencido, por 25 minutos de diferença, no aterrar, mas moralmente triunfou, atendendo a



trada romana, que D. Sancho I, o povoador, determinou povoal-a, dando privilegios ao povo que a fôsse povoar e concedendo-lhe foral em 1 de julho do ano 1205.

Com o tempo se foi povoando e crescendo em edificações, mas o seu maior desenvolvimento data de 1841, em que a rainha D. Maria II lhe concedeu novo foral elevando a simples freguezia a Vila Nova de Famalicão.

Desde esse ano até o presente o seu desenvolvimento tem sido progressivo mercê da sua situação corográfica, da fertilidade de seu solo e da laboriosidade de seus habitantes.

Agora veiu afirmar seus progressos com uma importante parada agricola e industrial que realisonou, mostrando a opulencia da agricultura do seu concelho, que se estende pelas povoações de: Cruz Velha, Santo Adrião, Poço, Fornelo, Pinheirinho, Painçães, Pereiros, Mões, Ribeira, Poido, Sinçães e Louredo de Baixo, além de quintas e casaes, etc.

Essa parada, promovida pela Associação de Agricultura Famalicense e Associação Comercial e Industrial, foi um triunfo do trabalho famalicense.

Nada ha que mais justamente entusiasme e anime o espirito patriótico do que vêr essas forças do trabalho nacional, com que se ha-de regenerar e engrandecer a nossa patria.

Não tivemos a fortuna de assistir a esta parada, mas fazemos bela ideia do que foi, por outras de que temos sido testemunha em Elvas e em Vila Franca, verdadeira ostentação da nossa riqueza agricola, e que outra pôde haver neste país de excepcional torrão fecundo e apto a todas as culturas da terra!

E, no entanto, o país tem mais de um terço de terra aravel por cultivar e ainda importa pão e outros cereaes para se alimentar!

O ter terras de tão boas qualidades sob um clima docil, é possuir uma riqueza inexaurível; mas a nossa agricultura luta com dificuldades que tolhem o seu mais largo desenvolvimento, e a maior dessas dificuldades é a tributação da terra, e num país de impostos excessivos é impossivel progredir.

Lutando com estes inconvenientes e ainda com a pouca vulgarisação de certos processos mais modernos de cultura e de exposição, principalmente para exportações, a agricultura portuguesa progride mui lentamente, quer para o consumo interno, quer para a sua expansão externa.

Pareceram nos uteis estas observações a proposito da festa realisada, que maior valor terá se ela conduzir a agricultura nacional ao fim pratico que convém ter em vista, não nos deixando só enlevar em nossos entusiasmos meridionaes e olhando antes aos progressos positivos de que ha mister.

Foi notavel a parada agricola de Famalicão; mostrou muito do trabalho feito naquele laborioso concelho, que outros e mais outros lhe sigam o exemplo, e a terra portuguesa será duplamente florescente por seus dotes naturaes e pelos que o trabalho de seus filhos lhes acrescentarão.

E, agora, seguindo informações que temos presente, façamos uma breve descrição do que foi o cortejo.

O primeiro, *Carro da Associação da Agricultura Famalicense*, com alfaias agricolas, puxado por 5 juntas de bois, com as lindas cangas arrendadas e caracteristicas da provincia, guiando os bois belas cachopas minhotas, que as não ha mais formosas.

Segue o *Carro da Associação Comercial e Industrial*, tendo ao centro, sobre um obelisco a figura da *Fama* e á frente outra representando a *Industria*; caixas, fardos, barris, com as marcas de negociantes de Famalicão é quanto este carro conduz, além de creanças que distribuem réclamos.

Seguem-se mais carros pela seguinte ordem: *Carro da firma Pinto Basto*, de Lisboa, de réclamo ao citrato de sodio. E' lindamente decorado de pinturas e mereceu o premio especial de medalha de ouro e diploma de honra.

Carro da Freguezia de Gondifellos, do sr. Duarte de Menezes e outros proprietarios, representando a casa de um moinho com todas as pertenças, incluindo agua, moleiro e jumento, tudo característico da localidade. Foi-lhe conferido o primeiro premio da Agricultura.

Carro da tipografia de Gaspar Pinto de Sousa e Irmão, da vila, conduzindo utensilios tipograficos, inclusivé uma maquina *Minerva*, tudo artisticamente disposto, e operarios tipografos, animando o quadro. Teve o segundo premio da Industria.

Carro da Esfolhada do sr. Antonio Gomes da Silva Brandão, interessante scena da vida dos

campos. Coube-lhe o terceiro premio da Agricultura.

Carro de Bombas de pau, réclamo aos trabalhos do artifice Manuel Rodrigues. Terceiro premio da Industria.

Carro dos Castêlões de réclamo aos adubos quimicos, do sr. Manuel Torres. Este carro exemplificava o efeito dos adubos na terra que fazia germinar com exuberancia e da terra arida e secca por não lhos applicarem. Foi-lhe conferido o segundo premio.

Carro de J. Rocha, de réclamo á casca de cavalho de que se faz grande exportação. Teve o quarto premio.

Carro da Malhada, do sr. Antonio José Barros de Faria, representando a malhada e alimpa do centeio, o qual foi premiado com segundo premio.

Carros da Casa Portela, de Famalicão, o primeiro dos quaes era de réclamo ás diferentes alfaias agricolas que fabrica, e que levava á frente uma rapariga empunhando um estandarte onde se lia *Honra e Trabalho*, e tendo pendente as medalhas que esta casa tem obtido em varias exposições. O segundo carro era de réclamo aos adubos quimicos que a mesma casa fornece. Bem decorados estes carros, tiveram dois primeiros premios.

Outros carros ainda se viam no cortejo, de menos importancia, não obstante merecerem os premios que lhe fôram conferidos.

Houve tambem exposição de gados em que obtiveram premios os seguintes expositores.

Srs. Manuel Pereira de Araujo, por belos exemplares de bois de engorda; Duarte Maria de Menezes, por bois de trabalho; Camilo Rodrigues de Freitas, por vacas leiteiras; Manuel Antonio Joaquim dos Sentos, por touros.

Foi uma festa e um certamen proveitoso, de incitamento ao trabalho e ao progresso com que Vila Nova de Famalicão se honrou.



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

Se é verdade que nos sete mezes decorridos a politica internacional não nos tem apresentado grandes surpresas, tambem não é menos certo que a situação europeia continua pouco estavel, vendo-se por toda a parte uma effervescencia extraordinaria de preparativos bellicos, que são cabal demonstração do proloquio latino: — *se queres a paz prepara a guerra*. Donde se conclue que as campanhas a favor da paz e da arbitragem, em que teem andado empenhadas respeitabilissimas e sizudas personagens de todos os países, são um verdadeiro platonismo.

A Inglaterra e a Allemanha continuam a olhar-se como rivaes, e d'um momento para o outro pôdem achar-se envolvidas n'um conflicto cujos resultados ninguem pôde prever. Já o anno passado, por esta epoca, e por duas vezes, estivemos em risco de vêr estalar essa luta medonha, com origem em Marrocos. Felizmente a diplomacia triumphou, o tratado de 4 de novembro entre a França e a Allemanha, trouxe o socego a todos os espiritos.

A questão balkanica continua latente, e em riscos de explodir sob o mais futil pretexto, em consequencia da guerra interminavel entre a Italia e a Turquia, a qual dura ha perto d'um anno e promete prolongar-se, se a diplomacia se não dignar intervir ou se um inesperado golpe de mão não vier decidir o pleito. A Italia está de facto senhora da Tripolitana e da Cyrenaica, cuja anexação foi já ratificada pelo parlamento e pelo povo, mas não reconhecida pela Turquia, que, tendo desguarnecido aquella possessão, entregou apenas á fraca defeza dos arabes, e havendo concentrado a sua reduzida esquadra nos Dardanellos, poderosamente defendida pelos seus fortes e minas, se tem furtado a um combate em fórmula com a esquadra italiana.

A Turquia porém soffre de graves perturbações internas, devidas a causas muito diversas, mas que se filiam principalmente na impopularidade dos *joventes turcos*, cuja politica violenta tem abalado todo o imperio, reflectindo-se mais intensamente na Albania. Contra os joventes turcos se ergueu o exercito, que dirigiu um *ultimatum* energico a Mohamed V, fazendo-lhe vêr a necessidade de demittir o governo, Saïd pachá já então enfraquecido pela sahida do ministro da guerra.

Fez-se a vontade ao exercito, que ameaçara

avancar sobre Constantinopla, organizando-se novo ministerio Alomed Moukhtar pachá, estadista de alta envergadura politica, que conta com o auxilio de homens de grande prestigio em toda a Turquia, como Kiamil pachá, Nazim pachá, Gabriel effendi Noradounghian, Hilmi, etc.

Contava-se com o actual ministro em Londres, Chevefik pachá, mas este exigia a dissolução immediata do parlamento, o que seria um golpe de morte nos joventes turcos, que ali contam numerosos correligionarios.

Parece porém que o actual ministerio, que emprega os homens mais eminentes na politica nacional e que conhecem de *visu* a politica occidental nas suas mysteriosas machinações, se verá forçado a seguir o caminho da dissolução, para abrandar as arremetidas do exercito.

A Italia, desesperada com a protelação do conflicto, que lhe traz um enorme agravamento de despezas, além de innumeradas victimas, quiz aproveitar-se, ha dias, da perturbação turca, tentando um esforço verdadeiramente extraordinario para aniquillar a esquadra d'aquella nação.

Uma esquadra de cinco torpedeiros — *Spica*, *Centaurus*, *Astore*, *Clemente* e *Perseo*, do commando de Eurico Millo, tentou o *raid dos Dardanellos*, tendo officiaes e marinheiros feito previamente as suas disposições testamentarias, na previsão da morte, para a qual avançaram com um arrojo só comparavel ao combate de Tsushima, para sempre memoravel nos annaes japonezes.

O objectivo de Millo era attingir a esquadra ottomana, e dar-lhe o golpe decisivo.

A 22 kilometros da embocadura, perto de Tschranak, o estreito faz um cotovêlo e aperta bruscamente; a distancia entre as margens, que á entrada é de 3 kilometros, reduz-se ali a uns 1.100 metros. Então os reflectores dos fortes assignalam aos turcos a presença do inimigo, que é posto em fuga com vivo canhoneio. A esquadra não poderia ser attingida pelos italianos porque tinha sido previamente defendida por meio de fios d'arame que constituíam uma barreira impenetravel.

A Italia viu pela segunda vez gorado o plano de atacar a esquadra turca n'aquelle ponto. Está senhora das ilhas do *Mar Egeu*, em que se conta a célebre *Pathmos*, onde S. João Baptista escreveu o *Apocalypse*; mas a posse d'essas ilhas não produz o effeito que os italianos esperavam, porque os seus habitantes, se não acceitaram de boa mente a dominação turca, tambem se não resignam ao dominio italiano; querem a sua autonomia.

A situação é pois muito complicada, e a constituição do novo governo turco parece agrava-la, visto que a Allemanha, que apoiava os joventes turcos, julga deprimida a sua influencia, em proveito da Inglaterra, pela qual Kiamil pachá morreu de amores, como gratidão por o ter salvo da morte em tempos do famoso Abdul-Hamid, desterrado na villa Allantini. O *Berliner Tageblatt*, a *Gazette de Vos* e outros jornaes allemães de influencia politica são unanimes em afirmar que os homens conhecidos como amigos da Allemanha fôram afastados, que a influencia inglesa está senhora do terreno, e que o ministro da guerra, Nazim pachá é um discipulo da escola de Saint-Cyr e foi sempre muito dedicado aos seus professores em França.

A Allemanha protegia a Turquia, sendo alliada da Italia e da Austria; mas esta não está em boas relações com aquella e trata de augmentar as suas esquadras.

A Russia, um pouco medianeira nestas questões, tambem se decidiu a desenvolver a sua esquadra no Baltico, o que levantou reparos á Allemanha, que afinal de contas é a primeira a teimar no alargamento das forças navaes e terrestres, não querendo que as outras nações lhe sigam o exemplo.

Os srs. Asquith e Winston Churchill em Inglaterra teem-se preocupado com estes assumptos e conseguiram já que o parlamento votasse os meios de se prover á construcção de mais couraçados e *Dreadnoughts* para o Mediterraneo, onde aquella nação tem tido uma esquadra muito inferior ás suas necessidades como senhora de tão importantes dominios como o Egypto, Chypre, Malta e Gibraltar.

No seu discurso de 22 do corrente, W. Churchill, ministro da marinha, provoú que é sempre da Allemanha que vem a ameaça, e que no programma naval inglês se devem estabelecer cinco esquadras de 41 couraçados. No dia em que a Allemanha se tornasse senhora dos mares, dominando nas grandes vias que conduzem ás suas possessões, o poderio britannico estaria irremediavelmente perdido. O acrescimo consideravel

Lourenço Marques

(Continuado do n.º 1207)

das esquadras italiana e austriaca obrigam a Inglaterra a reforçar as suas posições navaes, buscando mesmo o apoio da França.

Para desanuviar o horizonte, registamos a entrevista do Baltico, em que os imperadores da Russia e da Allemanha trocaram impressões optimistas sobre a politica internacional, havendo demonstrações de amizade entre as respectivas familias. Tambem, — em 23 do corrente, — nas aguas finlandezas o Czar da Russia e o rei da Suecia estiveram em alegre convívio, desfazendo tetricos boatos nascidos d'um livro — *O perigo russo* — publicado pelo escriptor sueco Swen Hedin, em que se demonstravam as inquietações da Suecia perante a projectada organização da tal esquadra do Baltico.

Estes constantes augmentos de esquadras e de exercitos agravam o sentimento bellicoso dos povos, que em tudo veem inimigos e espiões. E assim vemos que na Russia, Allemanha, França e Inglaterra o numero de individuos presos por espiões augmenta de dia para dia. Ainda ha dias foi condemnado em Edimburgo um allemão — Carl Graes — accusado de espionagem, e o tribunal de Leipzig vae julgar o capitão russo Kostevitch accusado tambem d'espionagem, quando, commissionado pelo seu governo, tentava visitar alguns estabelecimentos militares da Allemanha. A sua prisão causou grande alvoroço em todo o mundo, principalmente por ser nas vespuras da entrevista dos dois imperadores.

Na America do Norte tambem tem havido lucta, mas apenas no campo da rhetorica em que a boa moral foi um pouco rebaixada, pelo facto de dois adversarios — Rossevelt e Taft — se disputarem a presidencia no fim do anno, tendo-se iniciado a escolha dos representantes que hão-de fazer a eleição.

E já que falamos de combates politicos não esqueçamos as eleições da Belgica, em que se pretendia derrubar o governo clerical que ha perto de 30 annos tem estado senhor dos destinos d'aquelle povo, que é um grande exemplo de boa administração. A lucta foi renhida, vencendo os conservadores; mas é de crêr que pouco tardará a reviravolta.

Na Inglaterra grandes reformas se teem effectuado, sob o patrocínio do governo presidido pelo sr. Asquith, que parece levar a cabo a famosa questão do *home-rule* para a Irlanda. Já se poz em vigor a importante *lei dos seguros e pensões operarias*, e trabalha-se na reforma da lei eleitoral, acabando com o regimen do domicilio, que permittia o voto em varios pontos. D'este modo augmenta-se o numero de votantes do partido liberal. As suffragistas aproveitaram o momento para a repetição das suas reclamações, as quaes attingem o aspecto de verdadeiras ameaças á integridade dos ministros, cujas vidas correm risco! O sr. Asquith, ia ha dias sendo victima d'um incendio em Dublin, porque uma suffragista, numa ancia de loucura, deitou fogo ao cortinado d'um camarote, na occasião em que o *premier* assistia ao espectáculo! No dia anterior atiraram-lhe com um machado, quando elle ia numa carruagem.

Parece que estamos assistindo a uma verdadeira loucura epidemica! A mulher, symbolo de amor, de paz, transformada em demonio, symbolo d'extremismo e da morte!

E tudo por causa do voto!

A camara dos communs repellira qualquer projecto tendente á concessão do suffragio universal á mulher, pela razão de que sendo em Inglaterra o numero de mulheres superior ao dos homens, dar-lhes o direito de voto nas mesmas condições equivale a transferir o poder politico do homem para a mulher.

Os proprios partidarios do suffragio universal feminino recuam perante tal resolução social e estão d'accordo em que se não conceda esse direito senão a certas categorias de mulheres; mas os anti-feministas respondem-lhes que a admissão de mulheres, por muito pequeno que seja o numero, nos registos eleitoraes, deve fatalmente, mais cedo ou mais tarde, determinar a admissão de todas, ou seja a conceder-se-lhes a maioria no corpo eleitoral. Preferem, portanto, o *statu quo*.

Somos da mesma opinião.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Entre bohemios:

— Ha muito tempo que tomei a resolução de casar-me.

— E porque não o fazes?

— Porque estou á espera que me tirem isso da cabeça.

Melhoramentos e recursos para a navegação — Ha já ahi, desde alguns annos, e devido á iniciativa de successivos capitães do porto e ao zelo da antiga commissão de melhoramentos, uma muito regular balizagem e um sufficiente alumia-mento; existem quatro pharoes, uma marca-pharol, uma boia luminosa, cinco marcas-balizas e estão fundeadas doze boias, sendo duas grandes, de fuso.

Depois de uma longa serie de estudos, o primeiro dos quaes bastante dispendioso, e depois de varias hesitações, até certo ponto justificadas, construiu-se n'estes ultimos 5 annos um extenso caes acostavel, sobre estacas (de madeira *jarrah*, da Australia) onde pôdem acostar 7 grandes navios: este caes está servido por linhas ferreas em ligação com o C. F. L. M., por grandes hangares, e por 10 guindastes electricos, sendo um para 20 toneladas, outro para 10 toneladas, quatro *Temperleys* e os restantes de 3 e 4 toneladas.

Os navios pôdem tambem receber agua e carvão, atracando ao caes. Nas officinas navaes do Catembe, na margem opposta, ha um pequeno plano inclinado e boas machinas e ferramentas.

Navegação e transito — A vida do porto é feita principalmente por doze empresas de navegação, entre as quaes são para citar mais especialmente a «Empresa Nacional de Navegação», a «British India», a Union Castle Line», a «Deutsche Ost Africa Linie». A média da navegação de estes ultimos tempos, em que por assim dizer a importação soffre crise geral notavel, regula por cerca de 50 entradas e correspondentes saídas, por mez.

Nos tres annos, 1902 a 1904, a média de descarga annual foi de 400 mil toneladas e a de transito 277 mil toneladas.

A mercadoria em *transito* é livre de imposições aduaneiras, sendo principalmente constituida por madeiras e mais material de construcção e de minas, isto é em geral a carga pesada, da classe pobre.

A taxa de acostagem teve de soffrer, ainda ultimamente, grande diminuição, obrigada pelas reduções que o *Ring* de navegação fez para os outros portos do sul. Mas se o porto em absoluto não rende, é positivo que o caminho de ferro conjunctamente com o porto — pois ambos servem a mercadoria em *transito* — dão lucro; e ha a attender ainda aos lucros indirectos.

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.



PELOS TEATROS

Trindade

A partida de Palmira Bastos, para o Brazil, deixou n'aquella casa de espectaculos onde affluiu o publico ansioso de apreciar e aplaudir a graça e a gentileza da incomparavel artista, um vacuo sensível que difficil seria preencher antes do seu desejado regresso.

Entretanto, a empresa Taveira para não perder de todo a concorrência dos seus affeioados na estação calmosa, em que um grande numero deserta para estações das aguas e balneares, respirando o agreste aroma das ramagens e a fresquidão das brisas, procurou associar-se a uma companhia que está proporcionando ao publico variadas e attrahentes distracções.

Figurou entre ellas uma exhibição singular de efeitos opticos, reproduzindo as scenas mais palpitante de variadas operas. E após essa phantasmagoria que se não enthusiasma agrada, segue-se a exhibição do Rei dos Macacos, o celebre *Maxim* que tem despertado constantes hilaridades pela perfeição com que executa todos os seus exercicios. Acompanha o espectáculo o desempenho de um drama gesticulado, como se aquella scena emmudecesse pela ausencia de Palmira.

Os amores de um *Pierrot*, pantomima recheada de lances dramaticos e scenas commoventes que as mudas personagens fazem sentir por attitudes, gesto e visagens de physionomia, como se os labios exprimissem o desalento de uma tristeza e a profunda amargura de um desgosto.

A modesta costureira que resiste aos galanteios de um apaixonado sincero que a pôde tornar feliz, deixa-se vencer pelo prestigio de um *pierrot* que a requesta e consente em ligar o seu destino ao do vicioso saltimbanco.

Os sentimentos que esses dois artistas expressam, em gestos que os revelam de um modo que perfeitamente se adivinham e comprehendem são como se partissem d'alma em phrases repassadas de amor e de ternura.

Decorrido o primeiro periodo d'esse malfadado edilio, o palhaço segue na esteira dos desvarios e affasta-se, separando da gaiola o casal de pombos que eram o desvello da sua companhia, deixando-lhe o penhor da desventurada alliança, um filhinho que não deixa nunca de trajar as vestes de *pierrot*.

O desnaturado pae, abandona-o para se entregar ás tentações do jogo lançando mão das economias da pobre mãe perdendo-se na voragem da embriaguez.

Concentrando no filhinho todas as suas affeições, a infeliz trabalha, sustenta-o e educa-o, vivendo sem difficuldades.

O desvairado cae d'ahi a poucos annos na desgraça e chega perto da casa onde reside aquella que tudo sacrificou por elle. Vem roto e faminto e cae sem forças a repousar n'um banco de pedra.

O filhito que sae de casa a brincar, vae junto d'elle apanhar a bola que atirara e commove-se vendo aquella esqualida figura; corre á mãe a pedir-lhe dinheiro para o socorrer e alcançando o volta junto do pobre que tem despertado. Elle vendo a creança no trajo de *pierrot*, presente que seja o filho e procura interrogar-o. A creança receiosa foge, deitando-lhe o obulo no chapeu.

Então apparece o porteiro da casa, o actor Antonio Gomes, que, se quando por palavras é escutado com agrado, agora por meio de mimica, não deixou de ser menos apreciado.

O pesar com que elle se condoe do *pierrot* cuja honra defendeu nobremente contra o ultraje á esposa, demonstra bem o caracter que o auctor quiz dar a esse personagem. Voa a restaurar-lhe a fraqueza e depois de reanimado, aconselha-o a que volte para junto da esposa, pedindo-lhe perdão, e do filho, que é um encanto. E' então que elle descreve em gestos magnificos, a fuga da pomba e como ella volta presurosa ao ninho.

Elle anima por fim o miserando que receia o justo despreso, incute-lhe animo, impelle-o a essa tentativa e por sua vez recorre á piedade da mulher que insiste em não esquecer os agravos soffridos. Por fim lembra-se de um expediente, verdadeiramente patetico, recorre ao filhito, ao pequeno *pierrot*, e aconselha-o a que una as mãos dos dois esposos e os concilie n'um amplexo de carinho e indulgencia.

E assim termina coroado de bom exito, esse drama intimo, com tanta arte e sentimento exprimido pelos eximios executantes Gomes Junior, Antonio Gomes, Elvira Minoret e Rosa Andrade, e tão nitidamente comprehendido pelo publico que se não esqueceu de applaudir ruidosamente o maestro Antonio Luiz Gomes pelos deliciosos numeros de musica que compoz para este drama magistral e commoventemente interpretado.

JAYME SERRA.

República

Numa pequena sala da rua Chaptal, em Paris, appareceu em 1897 o *Grand Guignol*.

Daí se expandiu pela Europa e pela América até que um dia veiu dar a esta cidade de mar-more... onde costuma chegar tudo o que é francês e que por tal sêr encontra sempre seguro exito entre nós. A hegemonia da França faz-se sentir sobremaneira em coizas de teatro.

Será preciso dizer o que é o *Grand Guignol*. Espectáculo de sensações fortes parece ter sido creado propositadamente para a maioria do nosso público — esse que se apaixonava por um Arsénio Lupin e que afinal é quem dicta leis na matéria... aos empresarios.

Composto de peças de géneros diferentes pois que faz succeder ao drama a comédia ou a farsa, estas destinadas a desvanecer a impressão penosa resultante de uma scena terrível, á qual a sensibilidade do espectador difficilmente poderá sêr refractária, produz, no entanto, uma desagradável sensação porque esse jogo exaustivo das fibras nervosas operando num espirito que não esteja fatigado ou insensibilizado, *blasé*, feri-lo-ha, fazendo resaltar a inestese do espectáculo.

Porque esse drama, não possui essa qualidade de empolgar os espiritos dando-lhes uma sensação

O "Grand Guignol" no Republica



O DELEGADO DA 5.ª SECÇÃO

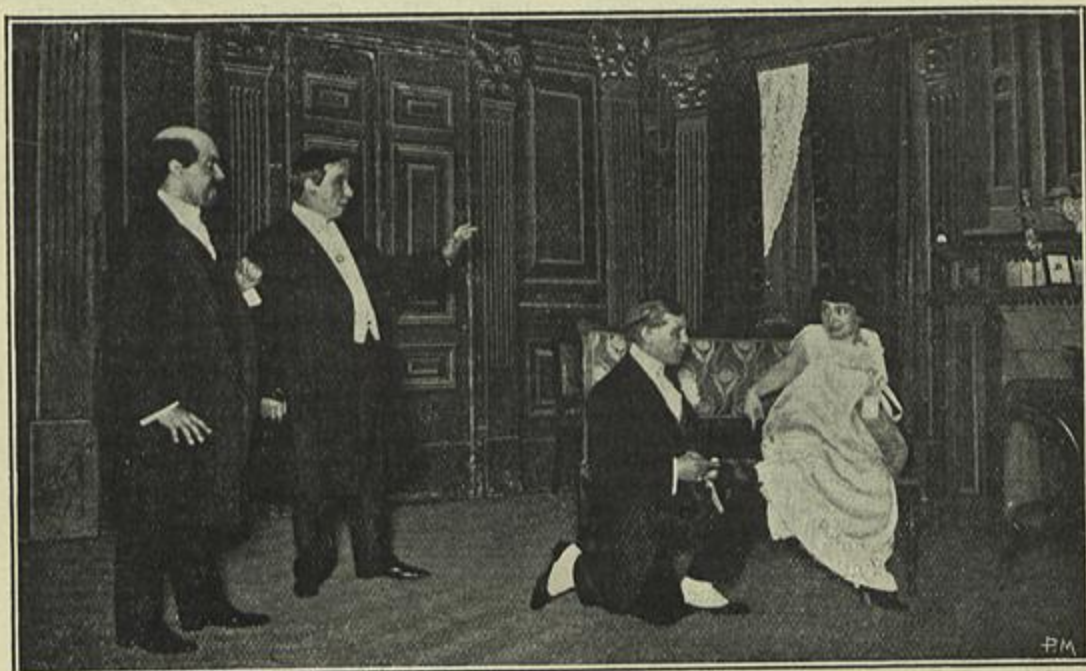
profunda sem os avassalar pelo terror, antes convidando os á meditação por tratar de um assunto humano em que a piedade possa andar a par do odio feroz e a emoção tocando o patético procure atingir o mais íntimo da alma.

Esse drama ou antes esse episódio dramático alheio a ideias levantadas, escolhendo de preferência as suas personagens entre gente que nenhum respeito merece e pondo em relêvo as degenerescências sociais mas de uma forma rialista, cuida pouco de psicologia e deixa ao atribulado espectador que dêsse quadro impressionante tire as ilações que lhe aprouver, segundo a orientação do seu espírito, porque, digo, não exerce influência definida nem tem aquêl poder misterioso e sugestivo das obras de arte.

Ninguém depois de lêr o *Werther* de Goëthe poderá expulsar da memória as suas páginas impregnadas de lirismo.

As três peças representadas até hoje têm ido num *crescendo* na escala do terror.

A primeira é um julgamento secreto de anarquistas. Processo sumário. Crime: traição. Tortura e morte imediata. Ha uma mulher que para salvar o marido da prisão propôz á policia tê-la ao facto dos segrêdos da seita.



EM CAMISA

A segunda cuja moralidade se resume na negligência dos médicos na verificação dos óbitos é, como se depreende, a scena de uma creatura enterrada viva. O marido querendo obtêr um ultimo retrato da morta fotografou-a de noite à luz do magnésio, no leito mortuário.

Quando revelava a chapa viu que os seus olhos estavam abertos o que tinha acontecido com a luz artificial.

A ultima, scenas dos trópicos. O mêdo da peste. A peste assolando a região. Morte do medroso a tiro pelas tropas que tinham ordêr de aftrar sobre os empestados.

Em pleno inverno, banho de agua fria. A reacção produz-se. Já lá vae o terror. Agora a franca gargalhada. O espírito brilha aqui e além. A ironia da farça. Primeira: o *Assassino*. Não se assustem. Trata-se do folhetim dos jornais diários. Tem graça.

Segunda: *Em camisa. Ne te promènes donc pas toute nue*, de Georges Feydeau.

Apresenta-se o tipo comum da mulher que geralmente tem sempre uma opinião que se afasta muito do razoavel.

Por ultimo o *Sr. Sereno* que é um excelente acto, cheio de humorismo e de bons ditos, ditos a tempo.

A sala doirada do Republica regorgita de espectadores e no palco patenteiam-nos a sua arte Palmira Torres, Luis Pinto, Costa, Carlos Santos, Augusto de Melo e Inácio Peixoto.

E ha lá também cinematografo.

A. N.

NOVIDADE LITTERARIA

A CRUZ MYSTERIOSA

Romance sensacional por Julio Rocha
Á VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS

Deposito na livraria J. Rodrigues & C.ª, RUA AUREA, 18ª, 188, onde devem ser dirigidos todos os pedidos.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

PARA LEVANTAR
OU CONSERVAR
AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescência de todas as doenças* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação
dos volumes do «OCCI-
DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para colleções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200